

SOUSA, Anielle Andrade de; PEREIRA, Regina Celi Mendes. Pesquisa, escrita e práticas disciplinares acadêmicas em Arquitetura/Urbanismo e Artes. *ReVEL*, edição especial, v. 18, n. 17, 2020. [www.revel.inf.br]

PESQUISA, ESCRITA E PRÁTICAS DISCIPLINARES ACADÊMICAS EM ARQUITETURA/URBANISMO E ARTES

*Research, writing and academic disciplinary practices in Architecture/Urbanism
and Arts*

Anielle Andrade de Sousa¹

Regina Celi Mendes Pereira²

anielleandrade@hotmail.com

reginacmps@gmail.com

RESUMO: De uma forma geral, a escrita na academia não é apenas um modo de registro das pesquisas científicas, mas se constitui também como a materialização delas. Assim, levando em consideração o agente social de linguagem que se empenha nessas práticas, neste artigo, consideramos como objeto de discussão uma parte dos dados de nossa pesquisa de dissertação, na qual analisamos os elementos acessíveis dos pré-construídos (BRONCKART, 2012 [1999]) em respostas de pesquisadores das áreas de Arquitetura/Urbanismo e de Artes a um questionário sobre pesquisa científica na academia. Além disso, focalizamos parte da análise dos aspectos da organização do plano geral (BRONCKART, 2012 [1999]) de artigos científicos dessas áreas, publicados em periódicos *on-line* – indexados no banco de dados *webqualis* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Objetivamos relacionar os dados obtidos à compreensão da atividade de pesquisador nos campos científicos disciplinares e de como a cultura disciplinar se materializa nos textos. Para o estudo da análise textual-discursiva, tomamos como base os pressupostos teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 2012 [1999]) e para tratar de cultura disciplinar, nos apoiamos em Hyland (2004). Nossa pesquisa se insere no escopo de investigação da Linguística Aplicada (LA) e tem caráter qualitativo e objetivos exploratórios. Os resultados apontam para a influência das culturas disciplinares nas áreas investigadas, a partir das regularidades linguístico-discursivas percebidas nos artigos e nas respostas dos participantes. Estas implicadas na mobilização conceitual referente ao que compreendem por pesquisa científica e ao que podemos apreender da diversidade de contextos e de produções textuais relacionadas às práticas acadêmicas.

PALAVRAS-CHAVE: ISD; Cultura disciplinar; Arquitetura/Urbanismo; Artes.

¹ Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

² Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco; professora associada IV do Departamento de Língua e Linguística da UFPB, docente permanente do PROLING e do MPLE/UFPB; bolsista de produtividade em pesquisa 1D do CNPq; coordenadora da subsede da Cátedra UNESCO em Leitura e Escrita.

ABSTRACT: In general, writing in the academy is not only a way of recording scientific researches, but it is also constituted as their materialization. Thus, taking into account the social agent of language which engages in these practices, in this article, we consider, as an object of discussion, a part of the data of our thesis research, in which we analyze the accessible elements of the pre-built (BRONCKART, 2012 [1999]) in response from researchers in the fields of Architecture/Urbanism and the Arts to a questionnaire on scientific research in academia. In addition, we focus part of the analysis of the organizational aspects of the general plan (BRONCKART, 2012 [1999]) of scientific articles from these areas, published in online journals - indexed in the webqualis database of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES). We aim to relate the data obtained to the understanding of the researcher's activity in the disciplinary scientific fields and how the disciplinary culture is materialized in texts. For the study of textual-discursive analysis, we take as a basis the theoretical-methodological assumptions of Sociodiscursive Interactionism (BRONCKART, 2012 [1999]) and in order to address disciplinary culture, we rely on Hyland (2004). Our research is inserted within the scope of investigation of Applied Linguistics (LA) and has a qualitative type and exploratory objectives. The results point to the influence of disciplinary cultures in the areas investigated, based on the linguistic-discursive regularities perceived in the articles and in the participants' responses. These are involved in the conceptual mobilization regarding to what they understand by scientific research and to what we can learn from diversity of contexts and textual productions related to academic practices.

KEYWORDS: ISD; Disciplinary culture; Architecture/Urbanism; Art.

INTRODUÇÃO

A linguagem, sendo uma característica da atividade social humana (Bronckart [1999] 2012), apresenta aspectos individuais e de apreensões coletivas emergentes das experiências em comunidade. Quando pensamos nas ações de linguagem (Bronckart [1999] 2012), materializadas em textos que circulam no âmbito acadêmico, observamos que o fazer científico, ainda que advenha de um agente individual de linguagem para ser concretizado, está longe de ser uma prática singular, pois a escrita acadêmica se constitui como uma ação social, uma vez que depende de um ou de mais agentes para ser aprovada e validada em um contexto disciplinar específico.

Assim, ao considerarmos que os gêneros textuais acadêmicos e a escrita acadêmico-científica evidenciam culturas e práticas disciplinares, representativas ou específicas de cada área, que podem ser compartilhadas entre si, mas que guardam aspectos singulares de cada grupo, elegemos as diversas áreas científicas como enfoque investigativo.

A unidade de pensamento científico geral, portanto, materializa-se por meio de estruturas linguístico-discursivas (Bronckart [1999] 2012, 2006, 2008) diversas e que dependem da formação sociodiscursiva da qual faz parte (Bronckart [1999] 2012). A exemplo disso, basta observarmos como os textos pertencentes às Ciências Humanas se diferem de textos das Engenharias, não apenas em conteúdo, mas também em organização dos parâmetros linguísticos e estruturais.

Nesse sentido, interessa-nos investigar as regularidades e as especificidades da escrita acadêmica, pois assumimos a posição de que elas representam as preferências individuais dos agentes de linguagem e também as escolhas reconhecidas e validadas pelas formações sociodiscursivas (Bronckart [1999] 2012). Segundo Hyland (2004), “fazer uma boa pesquisa” – e, por consequência, reportá-la – resulta de uma multiplicidade de práticas e estratégias gerenciadas para um público específico, do qual decorrem práticas controladas de escrita. Nosso interesse, então, volta-se para o “como” as disciplinas e os grupos científicos escrevem seus textos acadêmicos e não, simplesmente, “o que” escrevem, evidenciando aspectos de uma cultura disciplinar (Hyland 2004).

Pensando nisso, apresentamos neste artigo alguns resultados de nossa pesquisa de mestrado, intitulada “O fazer científico em Arquitetura/Urbanismo e Artes: uma abordagem disciplinar e textual-discursiva”³. Nosso objetivo neste recorte é expor parte de nossa investigação acerca dos elementos textuais-discursivos que evidenciam os aspectos acessíveis dos pré-construídos, do contexto de produção e da infraestrutura textual (plano geral) (Bronckart [1999] 2012), a partir da análise de respostas a um questionário e da análise de artigos científicos. O questionário foi aplicado a pesquisadores da Arquitetura/Urbanismo e das Artes e sua análise foi direcionada à compreensão da atividade de pesquisa nos campos científicos-disciplinares. Os artigos científicos foram coletados no banco de dados *webqualis* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e, a partir deles, observamos como a cultura disciplinar se materializa nos textos.

Utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) para análise da materialidade textual-discursiva do *corpus*, direcionando nossa investigação sobre o nível organizacional, levando em consideração o contexto sociointeracional de produção e os pré-construídos, conforme Machado e Bronckart (2009). Para nortear os resultados e alinhá-los aos objetivos propostos, fizemos generalizações dos dados partindo dos conceitos de formação sociodiscursiva (Bronckart 2012 [1999]) e de cultura disciplinar (Hyland 2004).

³ Referência da nossa dissertação: SOUSA, A. A de. **O fazer científico em Arquitetura/Urbanismo e Artes: uma abordagem disciplinar e textual-discursiva**. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – CCHLA, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Orientadora: Regina Celi Mendes Pereira da Silva.

Assim, nossa investigação se justifica devido à escassez de estudos sobre a escrita acadêmica nessas áreas elencadas, sob a perspectiva transdisciplinar (Moita Lopes 2004) da Linguística Aplicada (LA). A pesquisa se alinha às investigações do grupo de pesquisa “Ateliê de Textos Acadêmicos” (ATA)⁴, que tem investigado o processo de construção do conhecimento científico em diferentes áreas, e ao Grupo de Estudos em Letramento, Interação e Trabalho (GELIT).

Além desta introdução, considerações finais e referências, este artigo conta com mais quatro seções que tratam de: escrita acadêmica e cultura disciplinar; O ISD e a análise de textos; o percurso metodológico da investigação; e a análise da pesquisa.

1. ESCRITA ACADÊMICA E CULTURA DISCIPLINAR

Tratando-se de escrita acadêmica, Navarro (2017) explica que ela é uma tecnologia complexa de comunicação e que é mediada pelos processos de ensino, aprendizagem, comunicação e avaliação no ensino superior.

Segundo o autor, nesse âmbito, articula-se às práticas de escrita, um conjunto de competências diferentes, mas comuns ao meio, bem como conteúdos semióticos diversos, como: imagens, figuras, gráficos etc. Navarro (2017) defende que não há apenas uma escrita acadêmica – homogênea – e sim, muitas escritas, formando o que ele chama de espaços multidisciplinares. O autor desenvolve sua argumentação a partir das evidências dos usos dos diversos gêneros que circulam na academia e que evidenciam as práticas languageiras. Vejamos a seguinte afirmação:

Para entender mejor esta diversidad, es importante tomar en cuenta los géneros discursivos que los estudiantes deben leer y escribir en educación superior, esto es, las clases de textos situados más o menos estables orientados a fines sociales y comunicativos y con ciertos rasgos temáticos y textuales. En medicina se escriben historias clínicas y epicrisis, pero en ingeniería se escriben informes de laboratorio y practicas profesionales supervisadas [...] (Navarro 2017: 09).

Assim, observamos que a diversidade na ciência não se dá apenas no nível do conteúdo temático, mas também no que concerne à utilização dos gêneros textuais que são comuns a todas as áreas (o resumo acadêmico, o artigo científico, a prova, a dissertação, a tese, o projeto de pesquisa etc.) e dos gêneros que tendem a circular

⁴ CAPES – PNPd – Processo nº 23038.007066/2011-60.

apenas em determinados contextos comunicativos. É comum, por exemplo, na área das engenharias, a circulação de laudos técnicos, diagnósticos, orçamentos, catálogos, licitações e contratos (Franzen 2012 *apud* Franzen; Heinig 2018), mas a circulação desses gêneros é bastante incomum na área das Letras/Linguística. Assim, inserido no contexto acadêmico, o estudante universitário precisa se adaptar à linguagem aos gêneros considerados disciplinares, pois são comuns à sua área.

Sobre as convenções dos gêneros, Bathia ([1997] 2001) afirma que, ao mesmo tempo em que um gênero se torna convencional e comum a um grupo, torna-se totalmente estranho a outro. Segundo o autor, isso “cria uma espécie de distância social entre membros legítimos da comunidade discursiva e aqueles que são considerados como estranhos” (Bathia 2001 [1997]: 112). No entanto, a diversidade nas áreas do conhecimento não compete apenas aos gêneros, mas também ao nível linguístico-discursivo. Sobre isso, Navarro (2017) explica:

en las ciencias exactas y naturales, por ejemplo, se cita poco y en general no importa de qué manera las fuentes dicen lo que dicen, y por eso se usa muy poco el discurso directo pero mucho las normas de cita con superíndices, mientras que en las ciencias humanas e sociales es fundamental dar cuenta de las formas de afirmar y construir argumentaciones de las fuentes citadas y se necesitan normas de cita complejas para bucear en la bibliografía utilizada (NAVARRO 2017: 09).

Nesse sentido, compreendemos que a escrita acadêmica evidencia as maneiras como os agentes compreendem o mundo e a própria pesquisa no âmbito científico. Ela é regulada por práticas languageiras decididas por grupos e monitoradas por eles, tendo em vista que os textos acadêmicos são compartilhados na comunidade discursiva e avaliados por ela. Dessa forma, cabe aos novos membros se adaptarem às práticas de linguagem do grupo para serem bem aceitos, com vias a integrar o capital simbólico do conhecimento na área.

Alinhando-se à dimensão social das práticas languageiras de um dado grupo, a noção de cultura disciplinar compreende a escrita acadêmica como um projeto interativo, cognitivo e reconhece que, nas disciplinas, os agentes interagem com os pares por meio de espaços discursivos reconhecíveis e aceitáveis, intencionando organizar e moldar sua ação de linguagem de modo que contemple os conhecimentos transmitidos e as necessidades de seus leitores (Hyland 2004).

Segundo Hyland (2004), a escrita acadêmica considerada “bem-sucedida” depende do desempenho do agente em um contexto disciplinar, ou seja, visando ser reconhecido em seu discurso, o agente incorpora seus escritos em um contexto social

que reflete e evoca os discursos aprovados do mesmo contexto (Hyland 2004). Para o autor, os textos exibem uma competência profissional em práticas disciplinares aprovadas, e são essas práticas que definem o que são as disciplinas, autenticam o conhecimento, estabelecem hierarquias, fomentam sistemas de recompensas e mantêm a autoridade cultural científica.

No entanto, Hyland (2004) alerta que os textos não expressam o mundo como ele é, mas são constituídos de representações “filtradas” por meio de seleções simbólicas, construídas socialmente, as quais, como vimos, são perpassadas por autoridades e disciplinas. Nesse caso, se o conhecimento é construído a partir de regularidades de comunidades, é verdade dizer que há homogeneidade no discurso acadêmico em relação às disciplinas constitutivas, as quais podem ser vistas como “tribos” (Becher 1989 *apud* Hyland 2004), pois possuem normas, particularidades, convenções e modos de investigação distintos.

Ao se apropriar de um discurso acadêmico disciplinar, o agente de linguagem demarca seu lugar na cultura científica da qual faz parte e é reconhecido pelo grupo como uma voz legítima que pode interferir no contexto inserido. Além disso, é importante esclarecer que a ideia de cultura disciplinar, apesar de reconhecer os acordos sociais e linguístico-discursivos de um texto, não descarta os desacordos entre os membros no que tange às organizações, conhecimentos e ideias, mas reconhece que os membros devem se envolver nas ideias uns dos outros de maneira harmoniosa (Hyland 2004).

Nesse contexto, Hyland (2004) defende que a redação acadêmica é amplamente preocupada com a criação do conhecimento, mas que isso é alcançado a partir de acordos entre os membros de uma disciplina. Segundo o autor, na maioria dos gêneros acadêmicos, o principal objetivo de um agente está centrado na persuasão. Ou seja, convencer os pares a concordar com uma afirmação, financiar um projeto, aceitar uma avaliação, ou reconhecer uma estrutura disciplinar são propósitos compartilhados que ajudam a identificar o que é similar nos gêneros acadêmicos e o que é distinto no que concerne às disciplinas (Hyland 2004). Além disso, de acordo com Hyland (2004), a forma como os leitores recebem e compreendem as informações influencia no como os agentes escrevem os textos. Assim, o agente, em uma ação de linguagem, já tenta prever quais seriam as possíveis reações negativas dos receptores em relação ao seu texto.

Nesse sentido, alinhamo-nos com Hyland (2004), na percepção de que investigar os textos na academia é uma forma de aprender sobre como cada disciplina vê, compreende e define o conhecimento científico, além de ser também uma forma de entender como as áreas do conhecimento escrevem em contexto acadêmico.

2. O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO (ISD) E A INVESTIGAÇÃO DO TEXTO

Bronckart (2008), ao considerar o esquema de desenvolvimento cognitivo humano explicado por Vygotsky, entende que a investigação das práticas linguageiras deve se pautar em uma análise descendente, que se desenvolve em três etapas: análise dos pré-construídos; análise dos processos de mediação sociossemióticos e apropriação de determinados aspectos dos pré-construídos; e análise dos efeitos desses processos de mediação e apropriação, influenciando o desenvolvimento do ser humano. Sobre a abordagem descendente, o autor destaca que ela tem o objetivo “[...] de ressaltar a influência primeira e fundamental dos pré-construídos histórico-culturais” (Bronckart 2008: 111).

No entanto, a concepção de método de pesquisa do ISD não se reduz à concepção descendente, pois esse aporte não considera que exista um determinismo sócio-histórico que influencia totalmente os indivíduos e suas práticas. Para Bronckart (2008), ao adotarmos a perspectiva de análise descendente, devemos relacionar os três níveis citados, inseridos em um movimento dialético permanente. Ou seja, “[...] se os pré-construídos humanos mediatizados orientam o desenvolvimento das pessoas, estas, por sua vez, com o conjunto de suas propriedades ativas, alimentam continuamente os pré-construídos coletivos (elas os desenvolvem, os transformam, os contestam etc)” (Bronckart 2008: 112).

Em outras palavras, o método de análise descendente considera os aspectos cíclicos dos elementos investigativos ao considerar que a sociedade influencia o ser humano e este influencia a sociedade. Complementando a exposição sobre a abordagem metodológica das investigações do ISD, Bronckart (2008) afirma que a análise do ambiente humano é o primeiro trabalho a ser desenvolvido, devendo incidir sobre quatro elementos principais desse ambiente. São eles: a) as **atividades coletivas**; b) as **formações sociais**; c) os **textos**; d) os **mundos formais de conhecimento**.

O autor explica que o ambiente humano é constituído não só pelo meio físico, mas também pelas ações humanas que se organizam em “**atividades coletivas complexas**” (Bronckart 2008: 112, destaques nossos). Com base em Leontiev, Bronckart (2008) afirma que essas atividades vão muito além das orientadas pelas leis de sobrevivência, pois o ser humano tem a capacidade de transformar seu meio e suas relações em seu entorno. O autor destaca que

[...] as atividades devem ser consideradas como o elemento principal ou fundamental do ambiente humano. A essas atividades não verbais ou gerais se articulam *atividades linguageiras*, que, como mostra Habermas, contribuem para o estabelecimento de um acordo sobre os contextos das atividades e asseguram sua regulação (Bronckart 2008: 112. Itálicos do autor).

Conforme a citação, para o ISD, é evidente a centralidade das atividades linguageiras para o desenvolvimento do ser humano, pois essas atividades medeiam as atividades gerais. Em publicação anterior, Bronckart (2012 [1999]: 35) já havia esclarecido que as atividades de linguagem se organizam em discursos e textos.

Por serem compostos por representações, os textos são frutos de semiotizações do mundo ordinário do agente-produtor e se organizam, segundo Bronckart (2012 [1999]), em mundos discursivos, os quais são ordenados de acordo com as coordenadas exclusivas que compõem o que o autor chama de **tipos de discurso**, que são: discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração. Assim, por ora, sem nos aprofundarmos nos tipos de discurso, apenas pontuamos que, de acordo com Bronckart (2008), é no quadro da prática dos tipos/mundos discursivos que se constroem e se desenvolvem as diversas formas de raciocínio humano.

A respeito do que o ISD considera como “organização interna dos textos”, Bronckart (2012 [1999]) expõe que **todo texto** é organizado em três níveis superpostos e, em parte, interativos. Esses três níveis definem o que é considerado como “**folhado textual**”.

Segundo Bronckart (2012 [1999]), as camadas que compõem o folhado textual se baseiam no caráter hierárquico (ou parcialmente hierárquico) de **qualquer produção textual**. São elas: Infraestrutura geral do texto (camada mais profunda); Mecanismos de textualização (camada intermediária); e Mecanismos enunciativos (camada superficial).

Na infraestrutura geral, estão: o **plano geral** do texto; os **tipos de discurso**; as **modalidades e as articulações entre os tipos de discursos** apresentados; as

sequências que eventualmente aparecem e a **coesão verbal**⁵. O plano geral se refere à organização do conteúdo temático, mostra-se visível no processo de leitura e pode ser codificado em um resumo. A noção de tipos de discurso designa os diferentes segmentos que o texto comporta. As sequências designam os modos de planificação de linguagem que se desenvolvem no interior do texto. A coesão assegura a organização temporal e hierárquica dos processos verbais, os quais são realizados pelos tempos verbais (Bronckart 2012 [1999]).

Os mecanismos de textualização consistem em “criar séries isotópicas que contribuem para o estabelecimento da coerência temática” (Bronckart 2012 [1999]: 122). Além disso, eles estão articulados à linearidade do texto, são eles: **mecanismos de conexão e coesão nominal**. Os mecanismos de conexão contribuem para marcar as articulações da progressão temática por meio das unidades: conjunções, advérbios (ou locuções adverbiais), preposições, grupos nominais e segmentos de frase. Os mecanismos de coesão nominal possuem a função de “introduzir” os temas e os personagens de um texto. Além disso, asseguram sua retomada, ou substituição na linearidade da produção. As unidades que o compõem são as anáforas (Bronckart 2012 [1999]).

Os mecanismos enunciativos asseguram a coerência pragmática (ou interativa) do texto e contribuem para o esclarecimento dos posicionamentos enunciativos, em que vozes são expressas no texto e traduzem as diversas avaliações (modalizações) que podem aparecer sobre algum aspecto do conteúdo temático. As **vozes** dizem respeito: à voz do autor empírico, às vozes sociais e às vozes de personagens. As **modalizações** são denominadas de acordo com o seguinte subconjunto: modalizações lógicas (valor de verdade); modalizações deônticas (valores sociais); modalizações apreciativas (valores subjetivos); modalizações pragmáticas (valores de responsabilidade – capacidade de ação) (Bronckart 2012 [1999]).

Conforme dito anteriormente, a organização proposta para o folhado textual constitui a **configuração geral de qualquer produção de texto**. No entanto, concernente às análises, o ISD preconiza uma organização no que tange aos **níveis de investigação que uma pesquisa pode empreender**. Esses níveis têm por base o

⁵ De acordo com a reformulação pontuada por Bronckart (2015), esse tópico passa a incorporar a infraestrutura textual por sua forte ligação com os tipos de discurso. Dessa forma, a coesão verbal deixa de fazer parte dos mecanismos de textualização, conforme a organização inicial do folhado textual (Bronckart 2012 [1999]).

folhado, mas não se sustentam como uma ordem textual, mas metodológica, pois explicita as categorias de análise do quadro teórico.

Assim, o autor desenvolve três níveis de análise em que seus aspectos podem ser analisados todos juntos ou de forma particular, a depender do objeto de investigação (Machado; Bronckart 2009). São eles:

- a) Nível organizacional: Infraestrutura e mecanismos de textualização;
- b) Nível enunciativo: Marcas de pessoa, índice de inserção de vozes, modalizadores de enunciado, modalizadores pragmáticos e outras diferentes marcas de subjetividade;
- c) Nível semântico: Semântica do agir

De acordo com Machado e Bronckart (2009), a identificação do contexto de produção **deve** se dar antes de qualquer análise em qualquer nível. O contexto de produção trata do contexto sócio-histórico, suporte, contexto linguageiro imediato, intertexto e situação de produção. Ou seja, nesse interim, o contexto de produção também se constitui como um nível de análise. Assim, inicialmente, o pesquisador precisa realizar um levantamento do contexto sócio-histórico mais amplo em que o texto, analisado e produzido, circula e é usado; do suporte em que é veiculado; do contexto linguageiro imediato; do intertexto; e da situação de produção que faz referência às representações do produtor que exercem influência sobre a forma do texto, como “emissor”, “receptor”, “local”, “tempo”, “papel social do enunciador e do receptor”, “instituição social” e “objetivo de produção”.

Sendo assim, conforme explicitado, dependendo da investigação que se quer empreender, os três níveis de análise podem aparecer imbricados ou não, sendo a análise do contexto de produção um pré-requisito para qualquer um dos três. Em nosso caso, interessa-nos uma análise do contexto de produção e do nível organizacional (tratamos do plano global do texto), considerando uma abordagem de investigação descendente, enfocando também a reflexão sobre os pré-construídos, relacionando-os às diferentes culturas disciplinares.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Nosso estudo se insere nas investigações do campo da LA, sendo exploratório, de caráter qualitativo-interpretativista. Nosso *corpus*⁶ é documental e composto por respostas a um questionário (ênfase nas representações e pré-construídos) e por artigos científicos (ênfase no nível organizacional de análise do plano geral).

Quanto aos artigos analisados, fizemos uma pesquisa e coleta de periódicos *online* – indexados no banco de dados *webqualis* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Para compor um *corpus* geral/ panorâmico, nós selecionamos publicações dos anos 2017 e 2018 de artigos escritos exclusivamente por autores das áreas do conhecimento da Arquitetura/Urbanismo e das Artes nos *qualis* A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C. Para cada *qualis*, selecionamos 4 artigos de cada área. Apresentamos mais claramente a quantidade de artigos que compõem nosso *corpus* panorâmico no quadro 1:

<i>Qualis</i>	Arquitetura/Urbanismo	Artes
A1	–	4
A2	4	4
B1	4	4
B2	4	–
B3	4	4
B4	4	4
B5	4	–
C	4	4
Total:	28	24

Quadro 1: Quantidade de artigos que compõem o *corpus* panorâmico (Sousa 2020).

Conforme podemos observar no quadro 1, ao realizarmos o levantamento, percebemos que as áreas do conhecimento escolhidas não apresentavam periódicos de todos os estratos, pois Arquitetura/Urbanismo não oferece revistas A1 em língua portuguesa e Artes não apresenta periódicos do estrato B2 com foco específico na área. Além disso, em Artes, o estrato B5 não exibe publicações recentes. Diante disso, percebemos a necessidade de adaptar o objetivo inicial de coleta e restringir o

⁶ O número do parecer aprovado, pela Plataforma Brasil, da nossa pesquisa é: 2.983.504. CAAE: 99567418.4.0000.5188.

levantamento aos *qualis* A2, B1 e B3. Em virtude da grande quantidade de material a ser analisado, selecionamos 1 artigo de cada área e de cada *qualis* selecionado com um tema em comum: ambiente (espaço físico) e comunidade. Assim, nosso *corpus* documental final e representativo conta com **três artigos** (*qualis* A2, B1 e B3) de **cada área do conhecimento**.

Na análise dos textos escolhidos, após identificarmos as unidades linguísticas das categorias investigadas, observamos resultados acerca de sua relação com o gênero textual, pesquisa científica, contexto, constituição autoral e posicionamentos e, então, tecemos reflexões e discussões sobre a cultura disciplinar e sua influência na comunidade discursiva acadêmica, evidenciada na linguagem e na organização dos textos coletados. Em acordo com Leitão e Pereira (2014) sobre a constituição do artigo acadêmico-científico como um meio de interação e diálogo entre os membros da própria área e fora dela, evidenciando seu caráter comunicativo, acrescentamos que este não é apenas objetivo, evidente ou posto, mas também sociossubjetivo, pois nos textos também transparecem informações do seu contexto de produção, cultura disciplinar da área e ação de linguagem dos autores.

Quanto ao questionário, essa etapa da investigação está intimamente ligada ao objetivo de compreender o contexto de produção ao qual se relacionam os pré-construídos, parâmetros externos e cultura disciplinar na constituição de uma atividade e ação de linguagem. A aplicação se deu de forma *on-line* e teve foco no “contexto de produção”, “escrita acadêmica”, “autoria” e “pesquisa na academia”. Os participantes foram 27 docentes do curso de Arquitetura/Urbanismo e 26 do curso de Artes de diversas universidades do Brasil. Partimos do pressuposto que, por serem docentes das áreas, apresentam alguma experiência com as práticas languageiras de suas culturas disciplinares acadêmicas. O questionário foi elaborado nos moldes da plataforma *google docs* (Formulários *GOOGLE*) e enviado por *e-mail* para os participantes que, quando responderam, enviaram para a mesma plataforma.

Para este recorte, apresentamos a análise das respostas às seguintes perguntas: “Para você, o que se configura como ‘pesquisa científica’ na sua área?”; e “Você considera que as pesquisas de seu campo do conhecimento são mais qualitativas, quantitativas ou geralmente unem os dois postulados?”

Vale ressaltar que os participantes do questionário não são os mesmos pesquisadores autores dos artigos analisados. Esse fato corrobora as nossas afirmações acerca da evidência dos aspectos linguístico-discursivos inerentes à cultura disciplinar,

uma vez que tratamos de uma pluralidade linguageira, a partir de diversos agentes de linguagem.

4. A PESQUISA CIENTÍFICA NA VISÃO DOS MEMBROS DAS ÁREAS DE ARQUITETURA/URBANISMO E ARTES: COMPREENDENDO O CONTEXTO DISCIPLINAR

A fim de conhecermos um pouco mais do contexto disciplinar de cada área, por meio das representações e dos pré-construídos acessíveis nas respostas dos participantes da investigação, apresentamos a seguir os posicionamentos mais representativos, considerando o total dos colaboradores, para a seguinte indagação: **“Para você, o que se configura como ‘pesquisa científica’ na sua área?”** Iniciamos com Arquitetura/urbanismo:

1) Qualquer investigação que se obtenha algum resultado (ou uma problemática que se obtenha alguma solução, seja apenas para a comunidade científica ou para a sociedade), seja ela com coleta de dados in loco (medições ambientais) ou pesquisa histórico-documental ou simplesmente uma compilação de ideias, conceitos de diversos autores (COLAB./ARQ 01) [9];
2) Estudo estruturado a partir de hipóteses a serem testadas através de uma metodologia validada, coleta e análise de dados (COLAB./ARQ 17) [2];
3) Aprofundamento teórico, prático e empírico com análise baseada em experimentações (COLAB./ARQ 08) [2];
4) Considerando que a Arquitetura é uma área transdisciplinar , considero “pesquisa” os trabalhos, baseados no discurso racional com a finalidade de contribuir com o desenvolvimento do campo (COLAB./ARQ 04) [1];
5) Pesquisas que relacionem referenciais teóricos consistentes e questões relacionadas ao habitar e a cidade (COLAB./ARQ 07) [2];
6) Principalmente aquela que possua o embasamento em parâmetros qualitativos e que, metodologicamente , siga uma ordenação do processo de pesquisa e análise (COLAB./ARQ 14) [2];
7) Produção e divulgação/publicação de conhecimento novo (COLAB./ARQ 19) [1];
8) Produção de conhecimento no campo específico da área, considerando as interfaces com as outras disciplinas (COLAB./ARQ 05) [1];
9) A Arquitetura e o Urbanismo é uma disciplina que se forma a partir de saberes científicos , economia, estatística, ecologia, geografia, história, ciência política, populares e tradicionais, além dos artísticos para se mover , ficando em uma fronteira em que a definição do que vem a ser científico” seja quase uma impossibilidade . “Pesquisa científica” não cabe em todos os contextos , inclusive porque grande parte dos trabalhos em extensão em nossa área é um fazer que desenvolve amplos conhecimentos, mas que não são considerados “científicos” [...] (COLAB./ARQ 23).

Quadro 2: Excertos 1 (Arquitetura/Urbanismo) (Sousa 2020)⁷.

⁷ Todos os excertos passaram por adequação à gramática normativa, respeitando o sentido original das informações e dos posicionamentos.

Antes de fazer a explanação dos dados, esclarecemos que, ao lado de cada resposta, nós inserimos, entre colchetes, um número referente à quantidade de colaboradores que também responderam de acordo com a mesma linha de raciocínio da afirmação que está exposta. Assim, conforme a resposta 1, percebemos que as respostas de nove colaboradores se encaminharam para a definição de pesquisa na área, como aquela que se preocupa com “resultados” e “soluções”, baseados em, pelo menos três tipos de investigações: coleta de dados *in loco*, pesquisa histórico-documental ou revisão da literatura.

A noção de pesquisa compreendida como estudo baseado em hipóteses que são testadas a partir de uma metodologia validada e por meio da coleta e da análise de dados, sendo caracterizada por experimentos desenvolvidos a partir de um aprofundamento teórico e prático, também foi mencionada (respostas 2 e 3). De acordo com a resposta 4, a Arquitetura é uma área transdisciplinar e, por esse motivo, o colaborador considera como pesquisa científica apenas os trabalhos em que se apresente um discurso racional, que contribua com o desenvolvimento do campo. Assumindo essa posição, o colaborador deixa transparecer a dificuldade de caracterizar sua área em apenas um tipo de pesquisa, ficando mais adequado tratar dela a partir de sua relevância (desenvolvimento do campo) e da estruturação/organização lógica (discurso racional). Além disso, de acordo com a resposta 5, o campo foi caracterizado a partir de **qualquer** investigação com foco no “habitar” e na “cidade”, desde que apresente referencial teórico consistente, evidenciando certa ligação com a resposta 4.

Além dessas respostas, obtivemos a evidência de que, segundo os colaboradores, a área também se preocupa com investigações qualitativas que sejam “ordenadas” metodologicamente no que concerne ao processo de pesquisa e de análise, com vistas a produzir e a divulgar/publicar “conhecimento novo”, conforme as respostas 6 e 7. Novamente, temos a indicação de que a área valoriza os parâmetros organizacionais metodológicos e a contribuição com o desenvolvimento, dessa vez, seguindo a ideia de contribuição inovadora.

Na resposta 8, tal qual observamos na resposta 4, o colaborador cita que as investigações na área consideram as diversas “interfaces” com outras áreas e outros contextos, chamando-nos atenção a resposta 9, que destaca o hibridismo do campo ao considerar vários saberes, inclusive o artístico, em suas investigações – relação já esperada por nós. No entanto, de acordo com o colaborador, esse fato dificulta a

definição da “pesquisa científica” na área, pois segundo ele, esta não cabe em todo contexto do campo.

De modo geral, de acordo com as respostas, ainda que a área não considere todas as investigações e estudos nela desenvolvidos como “pesquisa científica”, observamos que o que é valorizado, enquanto prática disciplinar, são as hipóteses, o aprofundamento nas teorias, as experimentações, a organização metodológica, a coleta, a análise de dados e os resultados em contribuição para a inovação e a produção do conhecimento na área, considerando as interfaces e focalizando a habitação e a cidade em geral.

Em outra pergunta, especificamente sobre **a característica principal das pesquisas em Arquitetura/Urbanismo**, obtivemos os seguintes dados:

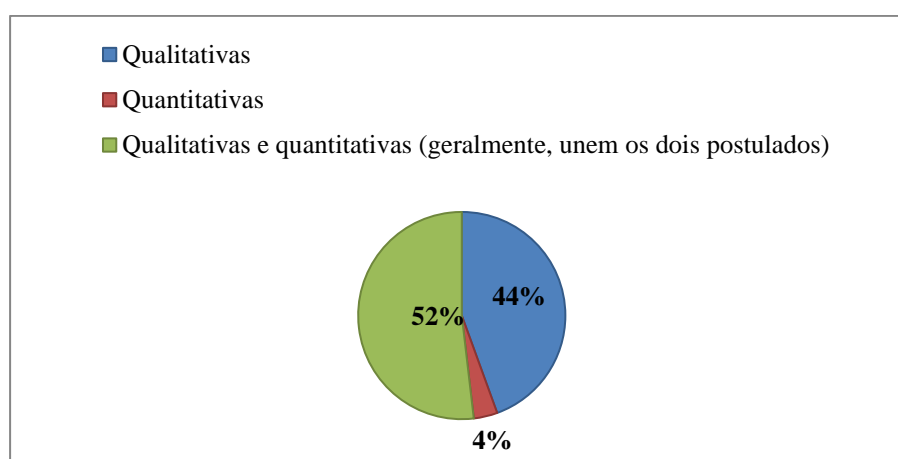


Gráfico 1: Principal característica das pesquisas em Arquitetura/Urbanismo (Sousa 2020).

De acordo com o gráfico 1, percebemos que a maioria dos colaboradores entende que pesquisas com abordagens metodológicas mistas (qualitativa e quantitativa) são mais representativas na área de Arquitetura/Urbanismo. No entanto, não podemos ignorar o alto índice de colaboradores que afirmaram que as pesquisas qualitativas são as predominantes nesse campo do conhecimento.

Sobre as metodologias de pesquisa, Minayo (1994) esclarece que “Não existe um ‘continuum’ entre qualitativo-quantitativo, em que o primeiro termo seria o lugar da ‘intuição’, da ‘exploração’ e do ‘subjetivismo’; e o segundo representaria o espaço do científico, porque é traduzido ‘objetivamente’ e em ‘dados matemáticos’” (MINAYO, 1994, p. 22). Além disso, a autora afirma:

A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatísticas apreendem dos fenômenos apenas a região do “sensível, ecológica, morfológica e concreta”, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (Minayo 1994: 22).

Em seguida, Minayo (1994) esclarece que os conjuntos de dados dessas diferentes abordagens não se opõem, pois a realidade contemplada por eles interage dinamicamente. Essa ideia é observada na área de Arquitetura/Urbanismo que, segundo os colaboradores, tende a unir os dois postulados, ainda que fique mais evidente –tanto nas orientações das pesquisas quanto nas respostas às características da “pesquisa científica”– que a área tem uma tendência a se alinhar às correntes de pensamento positivista de investigação. No entanto, o aspecto qualitativo não deixa de transparecer, ainda que em menor grau, nessas evidências, demonstrando que os dois postulados interagem de fato. Nós supomos que isso ocorre devido à própria natureza sócio-histórica constitutiva da área, a qual está ligada às exatas, por trabalhar com cálculos matemáticos e outros elementos de caráter estatístico, mas também se alinha aos conceitos interpretativistas, sociais e subjetivos unidos à Arte e à Sociologia, por exemplo.

Ao retomar a pergunta: “**Para você, o que se configura como ‘pesquisa científica’ na sua área**”? vejamos as respostas mais representativas de Artes:

- | |
|--|
| 1) Pesquisa de investigação teórico-prática da produção em Artes Visuais , nas perspectivas estéticas, pedagógicas e históricas que visam à compreensão da produção, circulação, arquivamento e recepção da produção artística . A pesquisa é sempre transdisciplinar , pois incorpora valores qualitativos de diferentes áreas de conhecimento, criando migrações metodológicas de outras áreas [...] (COLAB./ART 12) [8]; |
| 2) Pesquisas que geram reflexões abertas a discutir necessidades específicas de uma determinada área de conhecimento, ao mesmo tempo em que, atende necessidades da comunidade em geral. Geralmente, uma pesquisa científica está conectada com uma rede de estudiosos envolta numa determinada área do saber e/ou com autores que entrecruzam áreas distintas do conhecimento. Costuma ter um caráter de continuidade de questões em sua natureza teórica e possibilidade de atuação em situações da prática especializada na área em que se localiza (COLAB./ART 01); |
| 3) Arte e Ciência, a meu ver possuem muitas afinidades, e as Artes muitas vezes se utilizam de métodos científicos dentro de suas investigações – mas sinceramente, não creio que a “arte seja ciência” –, mas ela pode se valer da pesquisa científica dentro de todo e qualquer procedimento de criação; ou dentro de uma organização sistemática de pensamentos concretizada em uma artigo; monografia; dissertação ou tese (COLAB./ART 02) [1]; |
| 4) O termo que usamos é <i>Artistic Research</i> ou investigação em arte. Pesquisa científica é uma perspectiva inadequada para as Artes (COLAB./ART 14); |

5) Primeiramente, é importante ressaltar que atuo na pesquisa em poéticas visuais, ou seja, trata-se de um tipo de pesquisa engendrada pelas práticas, fazeres e processos artísticos (no exterior, esse tipo de pesquisa é chamado de <i>practice-based research; artistic research; arts-based research</i>). Nesse tipo de pesquisa, as questões/indagações são lançadas pelos processos artísticos, ou seja, não há pesquisa se a prática artística não estiver acontecendo . Quando esse tipo de pesquisa é desenvolvido no meio acadêmico (TCC, Mestrado, Doutorado), ela é constantemente atravessada pelas regras da pesquisa científica e por referenciais artísticos e teóricos que vão adensar, mais tarde, os processos de reflexão que culminarão na escrita da monografia, dissertação ou tese. Sendo assim, neste contexto, “ pesquisa científica ” em poéticas visuais pode ser compreendida como uma pesquisa que tem como ponto de partida a prática artística e como ponto de chegada o relato contextualizado e a reflexão aprofundada sobre os processos e caminhos percorridos que foram sendo ativados pelas questões previamente delimitadas [...] (COLAB./ART 25) [4];
6) Aprofundamento em práticas ou teorias , registradas em diversos formatos, não necessariamente textuais (COLAB./ART 24);
7) Com certeza existe muita dificuldade em entender que a pesquisa em poética visual não se distancia dos parâmetros que se considera pertinentes a uma pesquisa científica, pois tende-se a considerar que processos criativos não possam ser considerados pesquisas científicas . Tenho ao longo dos anos praticado as minhas atividades de artista-pesquisadora com toda a clareza e objetividade que requer uma pesquisa científica. Portanto, afirmo que partindo de procedimentos e metodologias específicas pertinentes ao campo de conhecimento no qual trabalho, os resultados obtidos podem ser analisados e partilhados com outros artistas e pesquisadores de áreas afins, configurando-se assim, como pesquisa científica (COLAB./ART 26);
8) Para mim, há uma série de práticas de pesquisa artística que também implica em procedimentos ditos científicos, mas que , no entanto, é ignorada em função de modelos naturalizados pelo próprio cenário acadêmico [...] (COLAB./ART 21);
9) A pesquisa científica configura um esforço no sentido de um distanciamento do campo artístico , para problematizar vetores que o constituem, seja do ponto de vista das categorias conceituais, das orientações epistemológicas, de seus marcos históricos e de suas práticas (COLAB./ART 17).

Quadro 3: Excertos 2 (Artes) (Sousa 2020)

De acordo com a resposta 1, a pesquisa em Artes é compreendida na articulação de teorias com as práticas de produção artística (e tudo que a envolve), tendo em vista que oito colaboradores responderam à pergunta, seguindo, basicamente, essa mesma linha de pensamento. Nessa concepção, a produção da arte é incorporada às perspectivas “estéticas, pedagógicas e históricas” (COLAB./ART 12), numa visão transdisciplinar que compreende áreas próximas como a Filosofia, a Educação, a História, a Sociologia, a Arquitetura etc. Nessa resposta, também fica evidente que a área trabalha com métodos qualitativos de pesquisa. A afirmação de que as pesquisas em Artes geram “reflexões” e “discussões” também se faz presente entre as respostas (resposta 2), pois as investigações costumam ter “continuidade de questões” (COLAB./ART 01) de natureza teórica e se materializar em uma prática.

No entanto, é perceptível que há um conflito na área sobre o que vem a ser “científico” no contexto de pesquisa. As respostas 3, 4 e 5 evidenciam que a Arte, em si mesma, não se constitui ciência e as pesquisas desenvolvidas nesse campo recebem a denominação de “*practice-based research; artistic research; arts-based research*” ou simplesmente “pesquisa em artes”. A resposta 5 constata, a partir da experiência do colaborador, que esse tipo de pesquisa é “engendrada pelas práticas, fazeres e processos artísticos” (COLAB./ART 25), sendo atravessada por “regras da pesquisa científica e por referenciais artísticos e teóricos” (COLAB./ART 25), mas seu ponto de partida é a prática e o ponto de chegada é “o relato contextualizado e a **reflexão aprofundada** sobre os processos e caminhos percorridos que foram sendo ativados pelas questões previamente delimitadas” (COLAB./ART 25, destaques nossos). Logo, de acordo com a resposta 5: “não há pesquisa se a **prática** artística não estiver acontecendo” (COLAB./ART 25, destaque nosso).

Por conseguinte, é evidente a centralidade da “prática artística” no desenvolvimento das pesquisas em Artes, seja ela a partir de uma análise de um objeto de arte ou a produção deste, pois, como destaca a resposta 6, esse aprofundamento em práticas ou teorias “são registradas em diversos formatos, não necessariamente textuais” (COLAB./ART 24).

É dessa ideia que decorre a dificuldade de compreensão por parte da comunidade acadêmica, seja dentro ou fora da própria área, sobre o que vem a ser “pesquisa em Artes”, pois, de acordo com a resposta 7, “tende-se a considerar que processos criativos não possam ser considerados pesquisas científicas” (COLAB./ART 21). No entanto, nessa resposta, a colaboradora afirma que suas atividades de pesquisa obedecem a parâmetros considerados científicos como: objetividade, procedimento, metodologia, análise e resultados. Sendo assim, na visão dela, a pesquisa em Artes, de todo modo, se configura como ciência.

Entretanto, o colaborador 8 afirma que, além de perceber que, nas práticas de pesquisas artísticas, existe a implicação de procedimentos científicos, há, por parte da academia, uma má compreensão ou desconsideração desses modelos de pesquisa, sendo a investigação, muitas vezes, configurada em um esforço de se distanciar do campo artístico, como afirma a resposta 9, para problematizar seus objetos investigativos.

Sobre as pesquisas em Artes, Zamboni (2001: 52) afirma que “os problemas resolvidos pela pesquisa em arte, diferentemente dos resolvidos pela atividade da

ciência, são de difícil identificação, dado que, muitas vezes, devem ser descobertos ou mesmo criados pelo artista pesquisador”.

Diante do exposto, pensando nos métodos aplicados às pesquisas, percebemos a íntima aproximação das pesquisas em artes com as investigações de cunho qualitativo, tendo em vista que, segundo Minayo (1999: 21), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares”. Atrelando sua argumentação às pesquisas em Ciências Sociais, Minayo (1999) esclarece que esse tipo de pesquisa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado: “Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 1999: 21-22). Essa visão se confirma a partir do gráfico 2, no qual percebemos a predominância de pesquisas qualitativas na área de Artes:

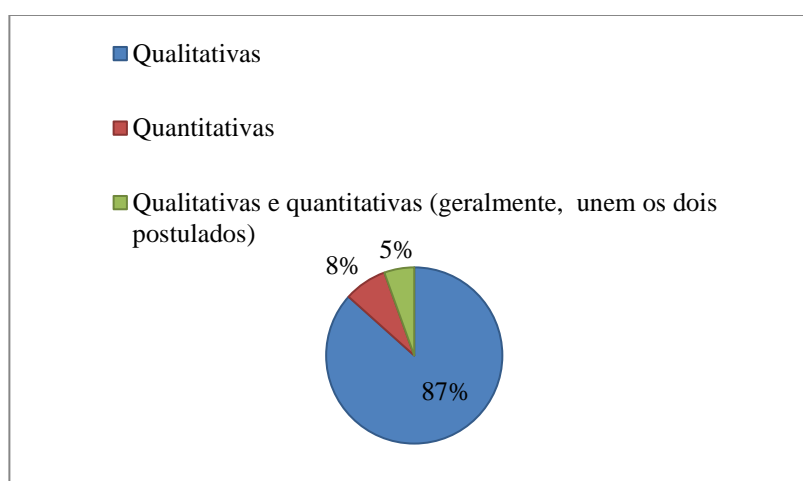


Gráfico 2: Principal característica das pesquisas em Artes (Sousa 2020).

Zamboni (2001) destaca que, em Ciências Humanas, as pesquisas encontram dificuldades em utilizar parâmetros quantificáveis, as quais se adentram em metodologias mais complexas com resultados menos exatos. Para o autor, “a arte é a área que está no fim dessa sequência de subdivisões do conhecimento humano, onde é mais difícil qualquer possível quantificação” (Zamboni, 2001: 48).

É compreensível, então, o conflito observado nas respostas ao questionário sobre a definição de pesquisa em Artes, pois, segundo Zamboni (2001), essas pesquisas são permeadas por inúmeros fatos não racionais e não controlados pelo intelecto do

pesquisador, “[...] e, portanto, pode necessitar de caminhos menos diretos para que se dê a maturação necessária das soluções objetivadas pelo artista” (Zamboni, 2001: 44).

No entanto, Arte e Ciência não se opõem, pois, no que concerne à pesquisa, esta é um processo racional e, ao mesmo tempo, intuitivo que busca solucionar algo (Zamboni, 2001). Além disso, Zamboni (2001) esclarece que a pesquisa em Artes obedece a todas as fases de uma pesquisa científica geral como: problema, referencial teórico, hipóteses, observação e procedimentos de trabalho; mas apresenta diferenças em relação aos resultados e à interpretação, pois, em Artes, há uma tendência à multi- interpretação com visões pessoais. Esses esclarecimentos reforçam a interpretação da visão dos colaboradores em relação à pesquisa, no que concerne aos procedimentos, os quais não possuem uma propensão a se diferenciar de investigações ditas “científicas”, mas, por vezes, são vistos como práticas disciplinares “não científicas”, porque ainda há a supervalorização simbólica da academia ao que é sistematizado de forma a quantificar ou a generalizar.

4.1 ORGANIZAÇÃO TEXTUAL E CULTURA DISCIPLINAR: INVESTIGANDO ARTIGOS EM ARQUITETURA/URBANISMO E ARTES

Passamos, agora, à explanação dos elementos constitutivos dos artigos analisados, no que concerne à sua planificação geral. De acordo com Bronckart (2012 [1999]: 120), o plano geral faz parte da infraestrutura de um texto e diz respeito à organização do conteúdo temático de forma que “mostra-se visível no processo de leitura e pode ser codificado em um resumo”. Em nosso caso, apresentamos o plano geral das partes constitutivas mais recorrentes nos artigos coletados, considerando cada área. Nossa intenção é observar a planificação dos artigos em relação à organização do gênero, partindo do pressuposto que este possui uma organização mais ou menos estável.

Estruturamos o quadro 4 com as partes tradicionais de constituição de um artigo, segundo a ABNT NBR 6022:2018. Nesse documento, a ABNT esclarece que os artigos acadêmico-científicos possuem três elementos estruturais mais gerais. São eles: elementos pré-textuais, elementos textuais e elementos pós-textuais. Cada elemento é composto por uma série de componentes, os quais podem ser obrigatórios ou opcionais. Ressaltamos que nos baseamos nessa organização comum para observar a estrutura dos artigos. Vejamos:

ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS	ELEMENTOS TEXTUAIS	ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS
Título no idioma do documento (obrigatório)	Introdução (obrigatório)	Referências (obrigatório)
Título em outro idioma (opcional)	Desenvolvimento (obrigatório)	Glossário (opcional)
Autor (obrigatório)	Considerações finais (obrigatório)	Apêndice (opcional)
Resumo no idioma do documento (obrigatório)		Anexo (opcional)
Resumo em outro idioma (opcional)		Agradecimentos (opcional)
Datas de submissão e aprovação do artigo (obrigatório)		
Identificação e disponibilidade (opcional)		

Quadro 4: Elementos estruturais de um artigo com base na ABNT (ABNT NBR 6022 2018).

Optamos por essa disposição organizacional, pois os artigos das duas áreas apresentam muitas variações no que concerne aos títulos e aos conteúdos de cada seção e de cada parte constitutiva do texto. Segundo Miranda *et al* (2019: 28):

Mesmo com essa estrutura padrão fundamentada pela ABNT, o corpo do artigo pode sofrer alterações em sua partição e ser subdividido em mais tópicos, como, por exemplo, fundamentação teórica, materiais e métodos, análise dos dados, resultados, discussão, entre outros. Essa variação na estrutura organizacional pode estar relacionada à área de conhecimento na qual o artigo está inserido, sendo possível haver ainda diferenças de correntes das subáreas de conhecimento, e aos critérios estabelecidos pelos periódicos [...]

A seguir, expomos o quadro do plano geral dos artigos de Arquitetura/Urbanismo:

Revista/Qualis	<i>Ambiente Construído (A2)</i>	<i>Revista do programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo FAUUSP (B1)</i>	<i>Cadernos de Arquitetura e Urbanismo (Qualis B3)</i>
Título no idioma do documento	Ruas e a ocupação vertical recente: labirintos murados	Os sentidos do morar em três atos: representação, conforto e privacidade	Do vernacular ao erudito: a (re)construção da igreja matriz de Batatais-SP
Título em outro idioma	<i>Streets and recente vertical condos: walled mazes</i>	<i>The senses of living in three acts: representation, comfort and privacy</i>	<i>*Genuine of the erudite: the (re)construction of the church of Batatais-sp</i> <i>** La lengua vernácula para el investigador: la (re)construcción de la iglesia madre de Batatais-sp</i>
Resumo no idioma do documento	178 palavras	113 palavras	181
Resumo em outro idioma	Inglês	Inglês	*Inglês **Espanhol
Datas de submissão e aprovação do artigo	Recebido: 21/04/2015 Aceito: 27/07/16	Recebido: 30/07/2016 Aceito: 26/08/17	Recebido: 15/04/2017 Aceito: 21/06/2017
Identificação e disponibilidade	Apresenta a instituição e o e-mail dos autores	Apresenta a instituição e o e-mail dos autores	Apresenta a instituição e o e-mail dos autores
Introdução	Título apresentado: "Introdução".	Título apresentado: "Os sentidos do morar em três atos: representação, conforto e privacidade".	Título apresentado: "Introdução"
Desenvolvimento	Parte com 5 divisões, dentre elas, apresenta as seguintes seções bem demarcadas por títulos: metodologia e análise. Análise com subseções.	Parte com 3 divisões gerais. Discussão e resultados presentes em boa parte do artigo, não apenas em uma seção específica.	Parte com 2 divisões gerais. Discussão e resultados presentes em quase todo o artigo, não apenas em uma seção específica. Esses dois elementos se encontram intimamente ligados.
Considerações finais	Título apresentado: "Considerações finais"	Título apresentado: "epílogo".	Título apresentado: "Conclusão".
Referências⁸	30 inserções	58 inserções	19 inserções
Quadros	2	–	–
Gráficos	11	–	–
Figuras/imagens	23	11	15

Quadro 5: Plano geral dos artigos de Arquitetura/Urbanismo (SOUSA 2020).

⁸ A seção de "Referências" constitui, conforme a ABNT NBR 6022:2018, parte dos elementos pós-textuais.

Sobre os elementos textuais dos artigos de Arquitetura/Urbanismo analisados, observamos que todos possuem título e seção de introdução, sendo que dois artigos (A2 e B3) expõem essa seção com o título tradicional. Sobre essa parte, apenas a revista A2, no que concerne às normas estruturais, orientou acerca do conteúdo da introdução, a qual deve informar ao leitor sobre o tema e sobre a revisão da literatura, o que, de fato, é observado no artigo. No entanto, também são observados na introdução do artigo A2, a justificativa e o objetivo, a exemplo: “desse modo, faz-se indispensável a investigação dos modos de apropriação das ruas onde a ocupação residencial vertical se faz presente. Objetiva-se desenvolver uma discussão sobre a qualidade urbana das ruas em áreas de ocupação [...]” (Mauá; Guadanhim; Kanashiro, 2017: 74, Revista A2).

Ainda sobre essa seção, no artigo B1, consta uma breve introdução do tema, uma breve revisão da literatura e o objetivo do trabalho. No artigo B3, a introdução apresenta uma considerável (90% da seção) retomada histórica do local investigado e do objeto de pesquisa, uma vez que, expostos os objetivos do trabalho apenas no resumo, essa retomada já compõe a investigação.

Acerca dos elementos textuais, sobre o desenvolvimento, os artigos os subdividem em 2 a 5 seções gerais, mas apenas o artigo A2 apresenta, além das seções gerais, outras subseções na organização da análise. No que concerne às normas das revistas para o desenvolvimento, apenas a revista A2 expõe orientações explícitas sobre as seções que compõem essa parte. Dentre elas, a revista orienta acerca da brevidade das descrições e explanações das seções: revisão bibliográfica, metodologia, discussão, resultados e conclusão. Durante a leitura, em questão de conteúdo, as normas são claramente atendidas, pois são facilmente identificáveis: o aporte teórico, a metodologia, os resultados com as discussões e as conclusões.

No artigo B1, ainda que a revista não oriente explicitamente acerca das seções, o texto não deixa de apresentar, de modo geral, as mesmas seções que o artigo A2, embora não use os títulos tradicionais. No B1, constam o aporte teórico, os resultados, a discussão e a última seção intitulada “epílogo”, termo mais usado em textos literários, mas que, no artigo, apresenta-se de modo semelhante às considerações finais. Além disso, a metodologia, nesse texto, é pouco detalhada em relação ao registrado nos outros dois artigos. A partir da leitura, inferimos que esse fato se deu em função do conteúdo temático do artigo B1, que está mais ligado a uma retomada e comparação histórica a partir de depoimentos, distintamente do artigo A2 que é uma pesquisa mais ligada a estudo de caso, que demanda mais detalhes da metodologia.

Essa suposição de que o conteúdo temático pode influenciar na organização do plano geral do texto se consolida ao analisarmos o desenvolvimento do artigo B3. Esse artigo trata de uma pesquisa histórica com foco na construção de uma igreja. Os autores utilizam bastantes retomadas históricas com comprovações de imagens, de descrições da engenharia e da arquitetura do espaço, além de explicações acerca dos processos, dos métodos e do projeto de edificação da época. É uma pesquisa essencialmente bibliográfica e documental, ainda que os autores não tenham textualizado essas características de pesquisa. A revista B3 não explicitou orientações específicas de conteúdo e de seções em suas normas, deixando a cargo dos autores, a escolha da organização e, em função do próprio conteúdo temático, essa organização não priorizou a descrição detalhada do método de pesquisa e não há divisões explícitas entre o aporte teórico, os resultados e as discussões, pois está tudo interligado. Vale informar que é, na conclusão do artigo, que os autores explicitam a necessidade e a contribuição do estudo. Vejamos um trecho dessa seção que comprove a afirmação:

Assim, quando se analisa os processos de construção e reconstrução da Igreja Matriz de Batatais, constata-se que a história da construção de uma matriz é também a história de uma sociedade, significando que o edifício religioso se configura na demonstração de uma realidade socioespacial (Piccinato Junior; Salgado 2017: 306, Revista B3).

Constata-se, então, que as normas das revistas e o conteúdo temático têm muita influência na planificação dos artigos em Arquitetura/Urbanismo. É perceptível que, quando as normas das revistas não explicitam todas as etapas e as seções indispensáveis para a composição, os autores optam por organizar o trabalho conforme a necessidade deles, como, por exemplo, a presença ou a extensão da seção de metodologia. Dependendo do estudo e da exigência das normas, esse elemento é bastante variável.

Para compreender melhor as características da cultura disciplinar da área acerca disso, vejamos as respostas mais representativas do questionário para a pergunta: “Quando você escreve um artigo acadêmico-científico, quais seções, geralmente, compõem seu texto? (Ex: resumo, introdução, metodologia etc)”:

1) Revisão bibliográfica, resultados e conclusões (COLAB./ARQ 05) [2];
2) Resumo, abstract, introdução, desenvolvimento em sub-itens, conclusões e bibliografia. (COLAB./ARQ 09) [9];
3) Resumo, introdução, metodologia, discussão, resultado, conclusão e referências (COLAB./ARQ 14) [8];
4) O de praxe: resumo, introdução, objetivo, justificativa, metodologia, desenvolvimento, conclusão – o que pode variar conforme o direcionamento que estou dando, para onde estou enviando (congresso etc) (COLAB./ARQ 22);
5) Depende do canal, do argumento, do público e da disponibilidade de tempo (COLAB./ARQ 04)

Quadro 6: Excertos 3 (Arquitetura/Urbanismo) (Sousa 2020).

Com base no quadro 6, , no que concerne aos elementos textuais, a maioria das respostas dos colaboradores se divide na exposição dos elementos mais formais de planificação de um artigo, haja vista que oito colaboradores responderam que organizam os artigos escritos conforme a seguinte subdivisão: “Resumo, **introdução, metodologia, discussão, resultado, conclusão** e referências” (COLAB./ARQ 14). Por outro lado, nove colaboradores responderam simplesmente: “Resumo, *abstract*, **introdução, desenvolvimento em sub-itens, conclusões** e bibliografia” (COLAB./ARQ 09). Nessa resposta, o “desenvolvimento” é entendido como uma parte mais geral que contempla a metodologia, os resultados e a discussão, mas que isso pode variar a depender de fatores como o tema, público e direcionamento do autor (respostas 4 e 5). Verificamos que algumas respostas também contemplaram a menção à revisão bibliográfica (resposta1), mas não constituiu uma grande maioria.

Com isso, percebemos que a análise dos artigos dialoga com as respostas dos colaboradores do questionário no que concerne à concepção estrutural desse gênero. Nesse sentido, inferimos que, na cultura disciplinar da área, as estruturas podem variar, de acordo com o objeto de estudo, do objetivo, das teorias adotadas, das interpretações etc, mas, a depender das exigências e da necessidade de exposição, não fogem ao que se espera de estudos que se aproximam de investigações mais positivistas, no que concerne à valorização do método e dos resultados e à organização padrão esperada (considerando os manuais de metodologia). Portanto, vemos que, nas normas das revistas, o tipo de pesquisa empreendido e o conteúdo temático dos textos podem influenciar nessa organização textual.

Passemos agora à explanação do plano geral dos artigos em Artes. Para isso, vejamos o quadro 7 (página 115):

Revista/Qualis	<i>Pós: Revista do Programa de pós-graduação em Artes da EBA/UFMG (A2)</i>	<i>Art & sensorium (B1)</i>	<i>Arte da cena (B3)</i>
Título no idioma do documento	O museu casa como lugar da experiência do tempo: a questão do anacronismo e as poéticas da arte contemporânea	A cidade dos mortos: o mundo imaginário do artista polonês Zdzislaw Beksinski	Encenação e comunhão na Rodovia dos Romeiros
Título em outro idioma	<i>The house museum as a place of time experience: The question of anachronism and the poetics of contemporary art</i>	<i>The city of the dead: the imaginary world of polish artist Zdzislaw Beksinski</i>	<i>Presentation and Communion At the Pilgrims' Highway</i>
Resumo no idioma do documento	96 palavras	132 palavras	164 palavras
Resumo em outro idioma	Inglês	Inglês	Inglês
Datas de submissão e aprovação do artigo	Recebido: 25/06/2018 Aceito: 20/08/18	–	Recebido: 23/07/2018 Aceito: 31/12/18
Identificação e disponibilidade	Apresenta a instituição e o e-mail da autora	Apresenta a instituição e o e-mail da autora	Apresenta a instituição da autora
Introdução	Título apresentado: “História e tempo: museus históricos e museu-casa”	Título apresentado: “Introdução”	Título apresentado: “Teatro goiano: a assunção de um assunto de pesquisa”.
Desenvolvimento	Parte com 5 divisões gerais.	Parte com 2 divisões gerais.	Parte com 3 divisões gerais.
Considerações finais	Título apresentado: “Considerações”.	Título apresentado: “Considerações finais”	Não possui seção demarcada. As considerações finais se encontram diluídas na última seção de desenvolvimento.
Referências⁹	23 inserções	20 inserções	16 inserções
Figuras	4	9	–

Quadro 7: Plano geral dos artigos de Artes (Sousa 2020)

Dos elementos textuais que compõem o artigo, os três textos coletados apresentam uma seção de introdução e de 2 a 5 seções de desenvolvimento. Além disso,

⁹ A seção de “Referências” constitui, conforme a ABNT NBR 6022:2018, parte dos elementos pós-textuais.

dois artigos apresentam a seção de “considerações finais” demarcada por título, e o artigo B3 expõe suas conclusões diluídas nos parágrafos finais da terceira seção, que também apresenta resultados e discussões.

Também verificamos que as normas das revistas não possuem orientações específicas acerca dos conteúdos que cada seção deve possuir, mas, na leitura, observamos algumas regularidades apresentadas pelos textos, tais como: a) na introdução, a contextualização do tema, dos objetivos, da teoria, e da metodologia de análise. Ainda sobre a introdução, apenas o artigo B3 apresenta “justificativa”; b) no desenvolvimento, os autores expõem o aprofundamento da teoria adotada e/ou a profunda explanação do objeto de pesquisa. Além disso, no desenvolvimento, as seções de resultados e discussões não são separadas e, muitas vezes, os resultados são as discussões, as reflexões, as explicações e as análises trazidas pelo pesquisador acerca do tema e do objeto de pesquisa; c) nas considerações finais, dos dois artigos que apresentam a seção demarcada, o A2 apresenta ainda reflexões e resultados e o B1 também apresenta essas características, porém com uma retomada do que foi discutido ao longo do texto. Vejamos um exemplo:

Sabemos que a cidade não pode ser reduzida a sua estrutura arquitetônica, no entanto, utilizamos alguns elementos comuns a elas em relação a seu aspecto formal para selecionarmos as pinturas desse artista sobre a urbe. Mas, como vimos, nem sempre essas referências apareceram de modo explícito [...]. Vimos, também, que o surrealismo grotesco de Beksinski apresenta alguns elementos [...] (Alvarenga 2017: 43, Revista B1).

Assim, os artigos analisados expõem estruturas variadas a depender do tema e do objeto de pesquisa abordados, que exigem ou não a organização em mais (ou menos) seções, porém apresentam também regularidades, mais observadas durante a leitura do que nas organizações das seções em títulos. Ainda no que diz respeito à planificação e organização das seções, vejamos agora as respostas mais representativas dos colaboradores para a seguinte pergunta “Quando você escreve um artigo acadêmico-científico, quais seções, geralmente, compõem seu texto? (Ex: resumo, introdução, metodologia etc.)”:

1) Resumo, introdução, desenvolvimento (demarcação da questão a se discutir, abordagem metodológica junto aos principais conceitos escolhidos, descrição e entrelaçamento de trecho prático relacionado à discussão teórica, principais ideias finais), conclusões , referências bibliográficas. (COLAB./ART 01) [9];
2) Resumo; abstract; Introdução (mas nem sempre a nomeio assim); Desenvolvimento do texto; Considerações Finais (mas nem sempre a nomeio assim); Referências Bibliográficas (COLAB./ART 02);
3) Obedeço a essas seções , mas prefiro não realizá-las de forma estruturada, mas desconstruída . (COLAB./ART 07);
4) Resumo/Abstract, introdução (apresentando as motivações e o objetivo da pesquisa), metodologia, bases teóricas que discutem o tema, resultados obtidos e as referências. (COLAB./ART 03) [6];
5) Escrevo de acordo com as normas da revista [...] (COLAB./ART 10) [1];
6) É variável e não fixo, de acordo com o conteúdo específico (COLAB./ART 04) [1].

Quadro 8: Excertos 4 (Artes) (Sousa 2020).

Nos excertos do quadro 8, observamos, a partir da resposta 1, que uma parte considerável dos colaboradores mencionam apenas as seções gerais que, normalmente, são organizadas na composição dos elementos textuais dos artigos e estas seções correspondem exatamente às preconcebidas pela ABNT: introdução, desenvolvimento e conclusão. No entanto, nessa mesma resposta, lemos o detalhamento do que, normalmente, está presente na seção de “desenvolvimento” e os seguintes elementos são destacados: “demarcação da questão a se discutir, abordagem metodológica junto aos principais conceitos escolhidos, descrição e entrelaçamento de trecho prático relacionado à discussão teórica, principais ideias finais” (COLAB./ART 01).

Esse detalhamento não difere muito do que se espera da composição geral do gênero e a resposta 2 confirma a organização dos artigos a partir desse plano geral, mas acrescenta que, nem sempre, as seções de introdução e considerações finais são nomeadas dessa forma. Quanto à composição do “desenvolvimento”, a resposta 2 não apresenta nenhum detalhamento. A resposta 3 evidencia que as regras de organização gerais são seguidas, mas o colaborador afirma que prefere organizá-las de maneira “desconstruída” (COLAB./ART 07).

Os seis colaboradores responderam à indagação seguindo a mesma linha de raciocínio da resposta 4, deixando claro que, dentre as seções, a parte metodológica costuma estar presente. No entanto, não observamos nos artigos a presença de uma seção específica para metodologia. Ela é mais observada na seção de introdução, na qual é mencionada ou brevemente explanada. Além disso, a resposta 5 evidencia que as normas das revistas são levadas em consideração e a resposta 6 afirma que a

organização do texto tende a ser variada e não fixa, seguindo mais a demanda da temática do artigo.

Dessa forma, percebemos que tanto a área de Arquitetura/Urbanismo quanto a área de Artes apresentam os elementos essenciais, segundo a ABNT, de organização de artigos científicos, mas ambas apresentam variações quanto a esse aspecto. Além disso, foi perceptível, nas duas áreas, a influência do conteúdo temático nessa organização, pois os artigos são organizados a partir da necessidade de atender às exigências de composição do gênero e às demandas de organização do que está sendo escrito, considerando o tema e o tipo de pesquisa, ainda que, em Arquitetura/Urbanismo também ocorra a tendência à organização mais tradicional e à valorização do método e dos resultados, demarcando-os por seções, conforme a necessidade do tema e as exigências dos periódicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa busca de tentar entender “como” as disciplinas escrevem seus textos acadêmicos e não, simplesmente, “o que” escrevem (Hyland 2004), pudemos compreender, a partir desse estudo, as influências e as características do meio social que estão inscritas nos textos-discursos de membros das áreas, sejam eles artigos científicos publicados ou respostas a um questionário.

Nesse sentido, nosso interesse investigativo enfocou a análise das representações de membros das áreas, no que abrange os aspectos acessíveis dos pré-construídos, do contexto de produção e da infraestrutura textual (plano geral), a partir de questionários e de artigos científicos, relacionando-os à compreensão da atividade de pesquisador nos campos científicos disciplinares e de como a cultura disciplinar se materializa nos textos.

Em nossa análise, obtivemos uma diversidade considerável de elementos investigativos, haja vista a quantidade de colaboradores do questionário (cada um com vivências, experiências e representações diferentes), as influências dos contextos de produção e os elementos variáveis (ou não) dos artigos coletados. Mesmo com essa diversidade, as evidências da cultura disciplinar, enquanto prática, mostraram-se presentes e só reafirmaram nossa tese inicial com base em Hyland (2004). Além disso, a análise dos artigos reforçou os dados do questionário (e vice-versa), tendo em vista que seus autores dos periódicos não responderam ao questionário, mas às práticas disciplinares materializadas nos textos-discursos coincidiram.

Assim, em nível de **contexto de produção, representações e cultura disciplinar**, a Arquitetura/Urbanismo demonstrou que valoriza, enquanto fazer científico, os estudos que apresentam hipóteses, aprofundamento de teorias, experimentos, organização metodológica, coleta, análise de dados e resultados, quando estes contribuem para a inovação e a produção do conhecimento na área. Dessa forma, a área tende a se alinhar com estudos de vertente positivista. No entanto, a pesquisa qualitativa, com enfoque nas interfaces de estudos da habitação e da cidade, em geral, também se faz presente, tornando a Arquitetura/Urbanismo uma área do conhecimento que se inclina a unir os dois paradigmas de investigação. Para nós, essa característica se configura a partir da epistemologia da área que está intimamente ligada às exatas e a conceitos interpretativistas oriundos da Arte e das Humanidades, por exemplo.

Em Artes, a pesquisa qualitativa se sobressai, especialmente, nas discussões sobre o que é considerado científico no contexto de pesquisa da área, no que tange a um conflito conceitual, tendo em vista que alguns colaboradores afirmaram que Artes em si não se constitui ciência. Para eles, a prática artística é central, juntamente com sua reflexão e sua contextualização, sendo registrada em diversos formatos, não apenas no textual. É dessa ação que decorre a dificuldade de compreensão da comunidade acadêmica sobre o que se pode considerar como pesquisa nesse campo, tendo em vista que é uma área que trabalha diretamente com processos criativos, ainda deixados à margem pela tradição científica. No entanto, outros colaboradores deixaram claro que, na prática de pesquisas em Artes, existe a implicação de procedimentos científicos, configurando-se, de todo modo, como uma ciência, mas que é mal compreendida pelas demais. Dessa forma, tivemos a mesma compreensão de Zamboni (2001) de que Arte e Ciência não se opõem, seguem caminhos metodológicos e interpretativos diferentes, mas dialogam.

Na análise do **plano geral e organização** dos artigos, constatamos que há a influência do conteúdo temático nessa organização. Vimos que os artigos são organizados a partir da necessidade de atender às exigências de composição do gênero (normas) e de atender às demandas de organização do que está sendo escrito, considerando o tema e o tipo de pesquisa. No entanto, ressaltamos que as regularidades entre os textos também se fazem presentes, a exemplo da Arquitetura/Urbanismo que tende à organização mais tradicional e à valorização do método e dos resultados, demarcando-os por seções, conforme a necessidade do tema

e as exigências dos periódicos. Em Artes, as regularidades são mais percebidas durante a leitura, na qual são observados os elementos essenciais de composição, ainda que as demarcações por seções não guardem o aspecto regular entre os textos.

Por fim, reafirmamos nossa intenção com a análise, não no sentido de agregar um caráter normativo à escrita acadêmica, mas compreender de que modo cada área (des)envolve e se envolve em culturas disciplinares compartilhadas ou não entre si, característica desse tipo de atividade. Dessa forma, pudemos perceber como a cultura disciplinar está sujeita a ser uma organização do plano mental/individual, uma vez que está presente em cada texto-discurso, mas que só ganha força e existência no plano social, sendo sustentada pelas práticas linguístico-discursivas recorrentes e aceitas pelos pares, e sendo controlada por instâncias sociais acadêmicas de poder, constituídas e reafirmadas pela reprodução de um padrão linguageiro que identifica e faz identificar o agente como pertencente àquela formação sociodiscursiva.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6022*: informação e documentação: artigo em publicação periódica técnica e/ou científica: apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro, 2018.

BHATIA, V. K. Análise de gêneros hoje. Tradução: Benedito Gomes Bezerra, Bruxelles, 1997. *Revista de Letras*, n 23, vol. 1, jan/dez. 2001. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl23Art18.pdf>> Acesso em: 15 de abr. de 2019.

BRONCKART, J-P. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: Educ, 2012 [1999].

BRONCKART, J-P. Entrevista realizada por Rivadavia Porto Cavalcanti na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade de Genebra (UNIGE)– Suíça. *Revista ProLingua*. Vol. 10, n. 03, nov/dez 2015, p. 105-117. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/article/view/28708/15293> Acesso em: 10 abril. 2019.

BRONCKART, J-P. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores São Paulo*. Mercado de letras, 2008.

FRANZEN, B. A.; HEINIG O. L. de O. M. Os gêneros discursivos no campo de trabalho de engenheiros: as práticas situadas de linguagem. *Antares: Letras e Humanidades*, v. 10, n. 21, set./dez. 2018. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/6500>> Acesso em: 25 de abr. 2019.

HYLAND, K. *Disciplinary Discourses: social interactions in academic writing*. Ann Arbor: University Michigan Press, 2004.

MACHADO, A. R.; BRONCKART, J- P. (Re-) Configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: A perspectiva metodológica do grupo ALTER-LAEL. In: ABREU- TARDELLI, L. S. ; CRISTÓVÃO V. L. L. (Orgs). *Linguagem e educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva*. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 31-77.

MINAYO, M. C. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIRANDA, A. M. de; *et al.* Modos de escrever e modos de construir conhecimentos científicos: processos em interface. In: PEREIRA, R. C. M. (org.) *Cultura disciplinar e epistemes: representações na escrita acadêmica*. João Pessoa: Ideia, 2019.

MOITA LOPES, L. P. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 113-128.

NAVARRO, F. Prólogo: de la alfabetización académica a la alfabetización disciplinar. In: GONZÁLEZ, C.; IBÁÑEZ, R. (Org.) *Alfabetización Disciplinar en la formación inicial docente: ler y escribir para aprender*. Valparaíso: Ediciones Universitarias de Valparaíso, 2017.

SOUSA, A. A de. *O fazer científico em Arquitetura/Urbanismo e Artes: uma abordagem disciplinar e textual-discursiva*. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – CCHLA, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

ZAMBONI, S. *A pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência*. Campinas: Autores Associados, 2001.

REFERÊNCIAS DO CORPUS (ARTIGOS)

ALVARENGA, V. M de. A cidade dos mortos: o mundo imaginário do artista polonês Zdzislaw Beksinski. *Art & Sensorium*, Curitiba, v. 04, n. 02, p. 31-45, 2017. Disponível em: < <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/1817>> Acesso em: 05 Jan. 2019.

BATISTA, W. P. Encenação e comunhão na Rodovia dos Romeiros. *Arte da cena*, v. 04, n. 02, p. 90- 111, 2018. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/artce/article/view/54145/32609>> Acesso em: 05 jan. 2019.

CARVALHO E SILVA; J. M. de.; FERREIRA, P. B. S. Os sentidos do morar em três atos:

representação, conforto e privacidade. *Pós, Rev. Programa Pós-grad. Arquit. Urban. FAUUSP*, São Paulo, v. 24, n. 44, p. 68-87, 2017. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/118341>> Acesso em: 05 jan. 2019.

MAUÁ, L. B. C.; GUADANHIM, S. J.; KANASHIRO, M. Ruas e ocupação vertical recente: labirintos murados. *Ambiente construído*, Porto Alegre, v. 17, n.2, p. 73-96, 2017. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-86212017000200073&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 05 jan. 2019.

PICCINATO JUNIOR, D.; SALGADO, I. Do vernacular ao erudito: a (re)construção da igreja matriz de Batatais-sp. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, v.24, n.35, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/issue/view/1021> Acesso em: 05 jan. 2019.

SILVEIRA, M. T da. O museu casa como lugar da experiência do tempo: a questão do anacronismo e as poéticas da arte contemporânea. *Pós: Revista do programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, v. 08, n. 16, p. 239- 255, 2018. Disponível em: < <https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/711>> Acesso em: 05 jan. 2019.